



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS  
E LÍNGUAS CLÁSSICAS

**VERBOS DE MODO DE MOVIMENTO:  
CODIFICAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES NO CIBERESPAÇO**

KELY VIANA DE OLIVEIRA

Brasília - DF

2020

KELY VIANA DE OLIVEIRA

**VERBOS DE MODO DE MOVIMENTO:  
CODIFICAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES NO CIBERESPAÇO**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras,  
da Universidade de Brasília, para a obtenção  
do título de Bacharel em Língua Portuguesa e  
Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

Brasília - DF

2020

## RESUMO

Este trabalho, que se insere nos estudos sobre a relação entre gramática e conceitualização, parte da hipótese de que as estruturas conceituais fornecem informações importantes para a estruturação gramatical das sentenças. Analisa-se a codificação gramatical da propriedade semântico-conceitual de movimento, em particular com os verbos de modo de movimento *pular* e *rolar*, em contextos de referência ao ciberespaço. Com base na proposta de Huelva Unternbäumen e Naves (2017) de que propriedades aspectuais são relevantes para a interface entre gramática e conceitualização, propomos que os casos de verbos de modo de movimento em atividades realizadas no ciberespaço diferem do espaço físico no que tange às propriedades semânticas de duração e modo, relacionadas à noção de trajetória.

**Palavras-chave:** Verbos de modo de movimento. *Self-movement*. Codificação gramatical. Conceitualização. Ciberespaço.

## ABSTRACT

This work, which is circumscribed in the studies on the relationship between grammar and conceptualization, examines the hypothesis that the conceptual structures are important for the grammatical structuring of sentences. A grammatical codification of the semantic-conceptual property of the movement is analyzed, in particular with the manner of motion verbs *jump* and *roll*, in contexts of reference to cyberspace. Based on the proposal by Huelva Unternbäumen and Naves (2017) that aspectual properties are relevant to the interface between grammar and conceptualization, we propose that sentences with manner of motion verbs in the contexts of cyberspace differs from the usage of these verbs in contexts of the physical space, specifically considering the semantics of duration and manner, related to the notion of path.

**Keywords:** Manner of Motion Verbs. Self-movement. Grammatical encoding. Conceptualization. Cyberspace.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	8
<b>2. A CLASSE DOS VERBOS DE MOVIMENTO</b> .....	14
2.1 Verbos de movimento .....	14
2.2 Verbos de modo de movimento .....	16
<b>3. CODIFICAÇÃO GRAMATICAL EM CONTEXTOS DE REFERÊNCIA AO CIBERESPAÇO</b> .....	19
<b>4. ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DOS VERBOS <i>ROLAR</i> E <i>PULAR</i></b> .....	26
4.1 Verbo <i>rolar</i> .....	26
4.2 Verbo <i>pular</i> .....	28
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	33

## INTRODUÇÃO

Os verbos de movimento são aqueles que expressam o deslocamento de algo no espaço físico, selecionando um argumento tema (o elemento deslocado) e (pelo menos) um argumento locativo, como no exemplo (1), em que o verbo *sair* denota o movimento do elemento do tema (*o estudante*) de um local (*a sala*), que é o ponto de origem do movimento, designado tematicamente como fonte:<sup>1</sup>

(1) O estudante **saiu** da sala.

Os verbos de movimento se caracterizam por conterem, em sua estrutura semântica lexical, informações sobre a direção do deslocamento, mas não sobre a forma como o deslocamento ocorre. Caso essa informação seja relevante, ela pode ser acrescentada ao predicado, por meio de sintagmas modificadores, como em (2), em que o predicado *correndo* denota o modo como o evento de *sair* acontece:

(2) O estudante **saiu** da sala **correndo**.

Já os verbos de modo de movimento representam uma subclasse dos verbos de movimento, que indica a maneira como determinado evento ocorre. A denotação do modo de movimento é, portanto, intrínseca à estrutura semântica lexical do verbo, como no exemplo (3), em que o elemento deslocado (*o estudante*) se movimenta em relação a um ponto no espaço (*a cadeira*) de maneira a passar sobre esse ponto):

(3) O estudante **pulou** a cadeira.

Huelva Unternbäumen (2018, p. 1114) aponta que o movimento no ciberespaço “é percebido e experimentado por meio da ativação dos mesmos esquemas de imagens que são inerentes às nossas experiências prototípicas de movimento no espaço físico”. Ou seja, segundo o autor, para representar o

---

<sup>1</sup> Os dados apresentados neste trabalho são de três tipos: (i) elaborados pela autora (situação em que não virão identificados por meio de uma referência); (ii) extraídos de *sites* da internet (quando serão identificados pelo endereço eletrônico do *site*); (iii) dados de outros autores (que terão sua referência indicada previamente ao dado).

movimento no ciberespaço, utilizamos os mesmos verbos utilizados para representar o movimento no espaço físico:

Se eu quiser comprar um livro de uma livraria virtual, preciso ir até ele, selecioná-lo e levá-lo ao carrinho. Depois, tenho que ir a outra página para comunicar as informações necessárias para concluir a compra: o endereço para o qual o livro deve ser enviado, o modo de envio, as informações do meu cartão de crédito, etc. A realização de cada um desses pequenos atos comunicativos requer deslocamento (HUELVA UNTERNBÄUMEN, 2018, p. 1109).

O objetivo deste trabalho é analisar a codificação gramatical da propriedade semântico-conceitual de movimento, nos casos de verbos de modo de movimento, em contextos de referência ao ciberespaço. A pesquisa se insere no contexto do reconhecimento da importância teórica da relação entre gramática e conceitualização, que é uma das tendências na evolução da teoria da gramática. Atualmente, observa-se um momento de convergência em que diferentes teorias de descrição gramatical experimentam a tarefa desafiadora de incorporar, em seus esquemas de análise, recursos que fundamentam as possíveis inter-relações entre as configurações e os usos da competência gramatical e da estrutura conceitual, de forma coerente e com adequação empírica.

Partimos do pressuposto de que a análise de Huelva Unternbäumen (2018) para os verbos de movimento se aplica, também, aos verbos de modo de movimento, e consideramos a hipótese, desenvolvida em Huelva Unternbäumen e Naves (2017), de que propriedades aspectuais relacionadas à interpretação de trajetória (especificamente modo do movimento e duração) são relevantes para a codificação das sentenças, quando em referência ao ciberespaço.

O trabalho é dividido nos seguintes capítulos, além desta Introdução: o Capítulo 1 é composto pelo referencial teórico, que aborda a relação entre gramática e estrutura conceitual no âmbito da Gramática Gerativa – GG (cf. Chomsky, 1995; Kenedy, 2019), além de apresentar os principais pressupostos teóricos da Gramática de Construções – GC; o Capítulo 2 apresenta a classe dos verbos de movimento, de modo de movimento e suas propriedades distintivas, com base na

literatura sobre o tema (cf. Jackendoff, 1990; Levin, 1993; Talmy, 1985); o Capítulo 3 discute a codificação gramatical de verbos de movimento em contextos de referência ao ciberespaço, com base nos trabalhos de Huelva Unternbäumen (2018) e Huelva Unternbäumen e Naves (2017); o Capítulo 4 analisa os dados de verbos de modo de movimento, em particular *pular* e *rolar*, no ciberespaço, em comparação com a realização desses verbos em referência ao espaço físico. Após os capítulos, encontram-se as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.



## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa apoia-se no modelo teórico da Gramática Gerativa – GG, que está entre as teorias formalistas, as quais são assim designadas por conceberem que o aspecto formal da língua apresenta natureza e funcionamento distintos. Ou seja, na estrutura da gramática, sintaxe e semântica são níveis de análise independentes que atuam com mecanismos teóricos.

Nesse modelo, a língua é compreendida como um sistema de representação mental dos componentes gramaticais, passível de limitações universais determinadas pelas condições de interface fonológica e semântica das línguas (encarregadas pelo pareamento entre som e significado com base em um dado objeto sintático), e por outros sistemas cognitivos responsáveis pela expressão do pensamento.

Dessa concepção deriva-se a hipótese da modularidade da mente, termo difundido em 1983 por Jerry Fodor, filósofo e psicolinguista norte-americano. Segundo essa teoria, a mente é formada por módulos especializados no desempenho de atividades específicas, responsáveis por diferentes tipos de informação. São exemplos do denominado conjunto de módulos, entre outros, a linguagem, a visão, a memória e a percepção espacial (KENEDY, 2019).

No que tange à linguagem, estende-se a ideia da modularidade para explicar que o conhecimento linguístico também é um conjunto de conhecimentos especializados divididos em submódulos, tais como: o fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático. Sempre que usamos a linguagem, todos os submódulos linguísticos são ativados e, apesar de serem independentes entre si, ocorre uma interação dinâmica entre eles. Segundo Kenedy (2019, p.43-44), a nossa capacidade de produzir e compreender frases é responsabilidade do módulo sintático:

Nosso conhecimento tácito sobre a sintaxe é posto em uso cada vez que ouvimos/lemos ou falamos/escrevemos sintagmas e frases. Por exemplo, se quisermos formar uma expressão com as palavras *amigo*, *meu* e *o*, sabemos que o arranjo possível se dá na forma do sintagma [o meu amigo], enquanto o arranjo \*[meu o amigo] é impossível, conforme indica o asterisco. Sabemos disso,

inconscientemente, porque nosso módulo sintático controla que tipos de combinação podem ser feitas e quais não podem ser feitas entre palavras, sintagmas e orações (KENEDY, 2019, 43-44).

Já a nossa competência de construir e identificar significados em expressões linguísticas cabe ao módulo semântico, que nos habilita a produzir e compreender a complexa teia de significações entre as palavras, os sintagmas e as frases:

Por exemplo, se perguntassem a você que palavra do português expressa significado oposto ao do item *triste*, você provavelmente indicaria a palavra *feliz* ou *alegre*. Se lhe pedissem para citar uma palavra com o significado relativamente semelhante ao de longe, você talvez citasse distante ou afastado. Além disso, você é capaz de perceber tacitamente a diferença de significado entre a voz ativa e a voz passiva das frases “Cada aluno da minha turma fala pelo menos duas línguas” e “Pelo menos duas línguas faladas por cada aluno da minha turma”, ainda que possa ter de pensar com mais cuidado para explicar que diferença é essa (KENEDY, 2019, 44-45).

A GG, em sua visão contemporânea, conhecida como Programa Minimalista, propõe que as expressões linguísticas são geradas por um Sistema Computacional que tem como principal função combinar traços do léxico e transformá-los em representações sintáticas complexas. Para isso, são utilizadas duas operações, as quais lidam com os três tipos de traços abstratos dos itens lexicais: fonológicos, semânticos e formais (sintáticos). As duas operações básicas são: a) Confluir ou Concatenar (do inglês, *Merge*), responsável por arranjar os itens lexicais e os objetos sintáticos já formados, a partir das relações semânticas entre predicados e argumentos; e Mover (do inglês, *Move*), também conhecido como Concordar, o qual é a operação encarregada de lidar com os efeitos causados pelo deslocamento de constituintes (CHOMSKY, 1995).

Com a arquitetura desse modelo, postula-se que a construção dos objetos linguísticos pelo Sistema Computacional é efetuada por meio da combinação entre forma e significado. Assim, uma interface fonológica interpreta as informações fonológicas dos itens lexicais – a Forma Fonológica (do inglês, *Phonological Form* –

PF), bem como uma interface semântica interpreta as informações semânticas – a Forma Lógica (do inglês, *Logical Form* – LF).

Os traços formais se dividem em: a) interpretáveis, como os de quantificação, os quais geram uma representação em LF; e b) não interpretáveis, como os de caso abstrato que, uma vez que não são interpretados por nenhuma das interfaces, devem ser eliminados pelo sistema computacional no caminho da formação da expressão linguística.

Nesse contexto, a principal característica desses componentes é fazer a intermediação entre as representações geradas pelo Sistema Computacional, em que PF e LF fazem interface com os chamados sistemas de desempenho: o sistema Articulatório-Perceptual e o sistema Conceitual-Intencional, que determinam condições de legibilidade das expressões linguísticas em cada uma das interfaces.

Essa abordagem considera que o papel do léxico é fundamental, já que se entende que determinados conteúdos semânticos não podem dispensar informação sintática. Diante disso, o desafio consiste em formalizar o conjunto de particularidades abstratas, e que interferem na formação de uma certa expressão linguística, enfrentado pelo Sistema Computacional. Segundo Chomsky (2000), a estrutura conceitual de itens lexicais permite a interface entre o sistema cognitivo e o sistema computacional. Isto é, os sistemas cognitivo e computacional devem conter alguma informação comum que seja compreensível para os dois sistemas. Assim, assumimos que conceitos de natureza locacional (abrangendo os polos semânticos para automovimento no espaço físico e no ciberespaço) entram nessa estrutura.

Entre as teorias de base cognitivista está a Gramática das Construções – GC. Um dos principais pressupostos teóricos dessa abordagem é a visão de que a gramática possui natureza inerentemente simbólica, em que as construções gramaticais são produzidas como objetos binários, de modo que a união entre a estrutura fonética e a conceitual ative imediatamente a outra.

Segundo Othero e Kenedy (2015, p. 164), para a GC, uma construção gramatical “é um pareamento convencional entre uma forma (fonológica, prosódica e/ou morfossintática) e um significado (aí incluídas, de maneira ampla, quaisquer informações semânticas, pragmáticas, discursivas ou funcionais)”. Assim, nascida nos anos 80, a GC opõe-se ao modelo dicotômico da GG, o qual propõe que o conhecimento linguístico possui dois componentes básicos: um léxico, formado por

um grupo de itens que são aprendidos e gravados de forma individual; e uma gramática, o conjunto de regras de arranjo sintático e interpretação semântica.

Sob a perspectiva da GC, diferentes construções gramaticais se combinam e originam um enunciado. Apesar disso, o conhecimento linguístico do falante não se reduz a uma listagem de entradas lexicais independentes. O mais adequado para ilustrar o evento seria utilizar a expressão rede de construções gramaticais interconectadas. A título de exemplo, os autores apontam que algumas variantes do português brasileiro incluem a forma cristalizada *Fala sério!*, empregada com o sentido de rejeição. Ao mesmo tempo em que os falantes memorizam essa sequência de palavras (a sequência concreta), também poderão produzir outras expressões advindas da construção abstrata: VERBO imperativo + ADVÉRBIO (o padrão abstrato), como em: *fala alto* ou *respira devagar* (OTHERO e KENEDY, 2015, p. 176). Assim, o falante reconhece que a sequência concreta é uma das possibilidades do padrão abstrato, ou seja, as duas construções relacionam-se entre si. Ao multiplicar essa relação por milhares de construções, tem-se uma rede complexa, a qual a GC postula que seja o conhecimento que cada falante possui de sua língua.

No entanto, algumas combinações de construções não são possíveis, já que, para serem combinadas, é necessário que sejam compatíveis formal e semanticamente. Ou seja, cada construção possui propriedades que impõem restrições à viabilidade combinatória, conforme o exemplo abaixo, em que ocorre incompatibilidade formal:

Uma sentença como *\*Correr emprestou dinheiro para João*: aqui, há uma incompatibilidade formal entre o verbo “correr” e o *slot* destinado ao sujeito/agente da construção bitransitiva, que deve ser instanciado por um sintagma nominal. Como regra geral, é o conflito na combinação entre construções gramaticais que explica, em uma perspectiva construcionista, a má-formação de determinadas sentenças (OTHERO; KENEDY, 2015, p. 168).

Para ilustrar uma combinação semanticamente incompatível, os autores apresentam o exemplo (4), que é uma construção de movimento causado no inglês (Goldberg, 1995, *apud* Othero e Kenedy (2015, p. 169):

- (4) a. Pat **invited** Bob into the room.  
‘Pat convidou Bob para entrar no quarto.’
- b. Pat **asked** Bob into the room.  
‘Pat pediu a Bob para entrar no quarto.’
- c. \*Pat **begged** Bob into the room.  
Pat implorou a Bob para entrar no quarto.’

Os exemplos (4a) e (4b) são gramaticais no inglês, contrastando com a sentença (4c), que é considerada inaceitável devido ao conflito semântico entre o verbo e a construção de movimento causado, já que não apresenta o deslocamento esperado do tema. Isto é, em (4a) e (4b), o *convite* (*invited*) e o *pedido* (*asked*), respectivamente, são situações em que se espera o deslocamento de Bob ao entrar no quarto, o que não ocorre em (4c), uma vez que o verbo *implorar* (*beg*) não sugere que o evento de movimento será realizado.

Além dessa linha de pesquisa, a GC possui outros caminhos de investigação. Com relação à temática conceitual em si, a GC defende formas não representacionais, de forma que o objeto conceitual de uma construção gramatical é representado por uma estrutura complexa estabelecida pela associação conceitual de múltiplos esquemas imagéticos ou metáforas (primárias).

Quanto ao nível da construção do conteúdo, ele se caracteriza por ser resultado de um conjunto de operações cognitivas que se relacionam no processo de criação de uma imagem ou conteúdo codificado. Desse modo, os verbos *vir* e *chegar*, por exemplo, possuem a mesma propriedade quanto ao movimento de um sujeito que se desloca de um ponto em direção ao falante, mas se diferenciam quanto à ênfase semântica. No verbo *chegar*, o destaque repousa no momento final do movimento, ao passo que o verbo *vir* confere esse realce em todos os instantes do movimento (CROFT; CRUSE 2004; LANGACKER 2008).

Para esta pesquisa, a qual propõe realizar uma análise que se apoia na convergência entre gramática e conceitualização, retêm-se das duas teorias o fato de que a estrutura conceitual dos itens lexicais, que se associa a diversos esquemas formados por imagens ou representações mentais, estabelecem uma correspondência com as construções gramaticais geradas pelo sistema

computacional, explicando-se, assim, relação entre forma e significado nas línguas naturais.

## 2. A CLASSE DOS VERBOS DE MOVIMENTO

A definição da categoria movimento é complexa. Podemos partir do pensamento de que várias ações e situações podem representá-la, das mais variadas formas. De acordo com Talmy (1985), um evento de movimento básico consiste em um objeto, a *figura*, deslocar-se ou localizar-se em relação a outro objeto de referência.

Exemplos de verbos de movimento encontrados na literatura são os de verbos como *sair, chegar, voltar, correr, girar*, entre outros. Segundo Levin (1993), a subclassificação dos verbos de movimento apresenta: a) aqueles que denotam direção inerente, e b) os que demonstram a maneira ou o modo como o movimento acontece.<sup>2</sup> Nas seções seguintes, descrevemos as classes de verbo de movimento e de verbo de modo de movimento.

### 2.1 Verbos de movimento

Em termos semânticos, os verbos de movimento formam uma classe em que os predicados selecionam dois argumentos, nos quais um deles recebe o papel temático de locativo, como exemplificado em (5), retirado de Talmy (1985, p. 103), em que o verbo *correr* seleciona o sujeito (*eu*) e o local para onde o sujeito se desloca (*fora da casa*):

(5) a. I **ran** out of the house.

‘Eu corri para fora da casa.’

De acordo com o autor, um evento de movimento é analisado como tendo quatro elementos, como no exemplo (6), retirado de Talmy (1985, p. 61), em que se observam: a *figura* (do inglês, *figure*), o objeto movido (*o lápis*); o *fundo* (do inglês, *ground*), um quadro de referência estacionário em relação ao caminho (*a mesa*); a

---

<sup>2</sup> Além desses, a autora apresenta outras subclasses de verbos de movimento, quais sejam: (i) verbos de movimento utilizando um veículo (do inglês, *verbs of motion using a vehicle*), como em *They skated* ‘Eles **patinaram**’; (ii) verbos de valsa (do inglês, *waltz verbs*) ou seja, qualquer nome de dança que pode originar um verbo de execução, como em *They waltzed* ‘Eles **valsaram**’; (iii) verbos de perseguição (do inglês, *chase verbs*), como em *Jackie chased the thief* ‘Jackie **perseguiu** o ladrão’; e (iv) verbos de acompanhamento (do inglês, *accompany verbs*), como em *Jackie accompanied Rose* ‘Jackie **acompanhou** Rose’. Não detalharemos as propriedades dessas subclasses de verbos porque não constituem o objeto de estudo deste trabalho.

*trajetória* (do inglês, *path*), o caminho percorrido pela figura (*para fora de*); e o *movimento* (do inglês, *movement*), a mudança de localização (*rolou*).

(6) a. The pencil **rolled** off the table.

‘O lápis rolou para fora da mesa.’

Levin (1993) classifica os verbos de movimento em: verbos de movimento que denotam direção inerente (do inglês, *verbs of inherently directed motion*), que incluem uma especificação da direção do movimento, mesmo quando não há um complemento direcional específico, como no caso de (7a), retirado de Levin (1993, p. 263), em que o verbo *escapar* não possui um complemento e, ainda assim, entende-se que o sujeito *o condenado* escapou para fora de um local, que se deduz ser a prisão, como representado em (7b).

(7) a. The convict **escaped**.

‘O condenado escapou.’

b. The convict **escaped** from the police.

‘O condenado escapou da polícia.’

Há, ainda, os verbos do tipo *deixar* (do inglês, *leave verbs*), que indicam que ocorreu um movimento para longe de algum local, como em (8), retirado de Levin (1993, p. 264):

(8) We **abandoned** the área.

‘Abandonamos a área.’

Para a autora, são exemplos de *verbs of inherently directed motion*: *avançar*, *chegar*, *subir*, *vir*, *cruzar*, *partir*, *descer*, *entrar*, *escapar*, *sair*, *cair*, *fugir*, *ir*, *mergulhar*, *retroceder* e *voltar*. Dentre as características dessa classe, está o fato de que, se houver um complemento direcional especificando a direção do movimento, ele poderá ser dêitico ou não-dêitico.

Além disso, são verbos que não possuem em seu significado o modo como o movimento ocorre, e podem se comportar de forma diferente, de acordo com a



expressão do alvo, da fonte ou da trajetória do movimento, expressos por meio de um sintagma preposicional, como em (7b), ou de um objeto direto, como em (8). Ou seja, também os *leave verbs*, como *abandonar*, *desertar* e *deixar* não especificam o modo como o movimento acontece. Ao indicar a existência da distância decorrente do deslocamento, o objeto direto do verbo é percebido como o local que foi deixado. Nesse caso, a localização não pode ser indicada utilizando-se um sintagma preposicional.

## 2.2 Verbos de modo de movimento

Talmy (1985), Jackendoff (1990) e Levin (1993), ao desenvolverem de forma independente seus estudos léxico-semânticos, classificam os verbos de movimento em: verbos de trajetória, que exprimem mudança de lugar ou de posição, como nos casos em (9), e verbos de modo de movimento, que revelam a ideia de modo e maneira como o movimento se desenvolve, como em (10) – os exemplos foram retirados de Talmy (1985, p. 64-65):

- (9) She **went** to the party, wearing a green dress.  
'Ela foi à festa, usando um vestido verde.'

- (10) The rock **rolled** down the hill.  
'A pedra rolou pela colina.'

Segundo Levin (1993), os verbos de modo de movimento descrevem movimentos que normalmente, embora não obrigatoriamente, envolvem deslocamento, como quando se refere ao movimento realizado em torno de um eixo, o que está exemplificado em (11), retirados de Levin (1993, p. 43 e 116):

- (11) Os círculos das horas, minutos e segundos **giram** constantemente.  
[<https://gizmodo.uol.com.br/relogio-pulso-ponteiros/>]  
a. The rope coiled **around** the post. (p.116)  
'A corda enrolou ao redor do poste.'  
b. The spaceship revolves **around** the earth. (p. 43)  
'A nave espacial gira em torno da terra.'

Outra característica importante dessa classe diz respeito ao fato de os verbos não especificarem uma direção inerente como parte de sua especificação léxico-conceitual, incluindo apenas a noção de maneira ou meios de movimento.

Considerando isso, a autora subdivide os verbos de modo de movimento de acordo com as propriedades partilhadas entre eles, distinguindo os verbos que realizam movimentos circulares, podendo ou não ser em torno de um eixo (do inglês, *roll verbs*), como nos exemplos (12), retirados de Levin (1993, p. 264-265), dos verbos que demonstram como seres animados podem se mover (do inglês, *run verbs*), como nos exemplos (13), retirados de Levin (1993, p. 266):

- (12) a. The ball **rolled**.  
'A bola rolou.'
- b. The ball **rolled** down the hill.  
'A bola rolou colina abaixo.'
- (13) a. Tom **jumped** the horse over the fence.  
'Tom pulou o cavalo por cima da cerca.'
- b. The lions **jumped** through the hoop.  
'Os leões saltaram pelo aro.'

Entre as características dos *roll verbs*, a autora inclui a descrição do modo pelo qual seres inanimados podem se mover, de maneira que não há um controle sobre essa ação. Os seres inanimados (a *bola*, nos exemplos (12)) são inertes, ou seja, sem movimento próprio, até que uma força age sobre eles. Sobre os *run verbs*, a autora argumenta que, embora mais comumente empregados em relação a seres animados (o *cavalo* e os *leões* nos exemplos (13)), também podem ser usados para descrever o movimento de seres inanimados.

A autora evidencia, ainda, que não há direção específica do movimento implícita nos verbos de modo de movimento, apesar de haver descrição da forma de deslocamento. Para que a direção seja explicitada, é necessária a ocorrência de um sintagma direcional explícito, como verificado no exemplo (14), retirado de Levin (1993, p. 266), por meio do sintagma introduzido pela preposição *sobre*, *através de*, *para*:

(14) The horse jumped **over/across/into/out** of the stream.

O cavalo saltou sobre/atraves de/para dentro/fora do córrego.

Observamos que a classe dos verbos de movimento e de modo de movimento é descrita nos trabalhos de Talmy (1985), Jackendoff (1990) e Levin (1993) a partir de dados relativos ao espaço físico. A questão investigada neste trabalho aborda como os verbos de modo de movimento se comportam cognitivamente e gramaticalmente em contextos de referência ao ciberespaço.

### 3. CODIFICAÇÃO GRAMATICAL EM CONTEXTOS DE REFERÊNCIA AO CIBERESPAÇO

O termo ciberespaço foi empregado em 1984 por William Gibson, que o apresentou pela primeira vez em *Neuromancer*, seu livro de ficção científica. No romance, a expressão refere-se ao mundo das redes digitais denominado por ele de geografia móvel da informação, espaço virtual onde é possível entrar “fisicamente”. Como na ficção, a maior função do ciberespaço é o acesso a distância aos mais variados recursos digitais (LEVY, 1999).

A noção original de que se entra fisicamente no espaço virtual encontra-se, também, em Huelva Unternbäumen (2018, p. 1108), ao afirmar que “o ciberespaço não se apresenta para nós como um espaço fictício [...] percebemos o ciberespaço e nos percebemos com as mesmas lentes da realidade”, ou seja, as ações praticadas nesse ambiente são de fato executadas. Não é ‘como se’ o livro fosse colocado no carrinho virtual para comprá-lo, mas o livro é “realmente” colocado no carrinho virtual.

Essa percepção é diferente, por exemplo, de quando se está admirando uma pintura, ou assistindo a um filme, já que são situações em que se passa de uma condição real para uma condição fictícia. Dessa maneira, a mudança de ambiente quando se entra e sai do ciberespaço ocorre de modo integrado e sem ruptura entre o virtual e o físico.

O autor assinala, com base em uma perspectiva cognitivista dos estudos da linguagem, que a percepção de atividades realizadas no ciberespaço recorre aos mesmos esquemas imagéticos intrínsecos ao conceito de automovimento (do inglês, *self-movement*), o qual se caracteriza pelo deslocamento do lugar A para o B, gerado e mantido pelos sujeitos, no espaço físico. Isso significa, como já foi dito na Introdução deste trabalho, que, para a realização de ações no ciberespaço, utilizam-se as mesmas expressões de movimento empregadas com referência ao espaço físico, como demonstra o exemplo (15a), retirado de Huelva Unternbäumen (2018, p. 1118), em contraste com o exemplo (15b), que acrescentamos para efeitos de análise:

- (15) a. **Go back** to the first screen and open a second app. (Ciberespaço)  
‘Volte para a tela inicial e abra um segundo aplicativo’.

b. **Volte** para casa e abra a janela. (Espaço físico)

No intuito de analisar a percepção dos eventos de movimento no ciberespaço, mais especificamente das expressões de movimento-ação, Huelva Unternbäumen (2018, p. 1113) observa que, para ir de uma página a outra no ambiente virtual, é necessário realizar uma ação corporal. Nesse caso, é preciso criar um ponto focal em um determinado “contexto pragmático atual”, mover o mouse para que o cursor se movimente em direção ao ponto, e clicar. Isso fará com que se vá para a página seguinte ou anterior, onde o contexto pragmático é diferente, realizando, assim, o denominado automovimento.

Nota-se que as ações que executamos acontecem em um contexto espacial-temporal e intencional específico, em que ocorre um entrelaçamento sincrônico entre a ação do agente, executada pela mão ao deslocar o mouse, e o contexto da página web atual. Apesar de a mão concretizar o movimento de mover e pressionar o mouse, a atividade de fato é produzida no ciberespaço. Nessa perspectiva, igualmente ao mundo físico, o ciberespaço exibe um mundo repleto de possibilidades de ação, tais como mover-se, pagar, comprar, comunicar-se.

Além disso, o autor destaca aspectos como o espaço e tempo da ação executada nesse ambiente. Ele menciona que a página *web* atual funciona como sendo o primeiro espaço de movimento do usuário no ciberespaço, em que o agente desenvolve uma série de ações ao mover o cursor para determinadas posições (*If I want to buy a book from a virtual bookstore, I have to go to it [...]. ‘Se eu quiser comprar um livro de uma livraria virtual, preciso ir até ele [...].’*). O segundo espaço de movimento é aquele para o qual o sujeito se dirige, no intuito de efetuar ações não permitidas na página atual (*Afterwards, I have to go to another page to communicate the required information to conclude the purchase [...] ‘Depois, tenho que ir a outra página para comunicar as informações necessárias para concluir a compra [...].’*) Esses movimentos no ciberespaço estão representados no dado (15a), em que se utiliza o verbo *voltar* para se referir ao movimento de uma tela para outra.

A comparação entre os dados (15a) – com referência ao ciberespaço – e (15b) – com referência ao espaço físico – demonstra diferenças em relação à codificação do modo como o movimento acontece, uma vez que, no ciberespaço, a

modificação por um sintagma que denota modo produz agramaticalidade, como se nota no contraste entre o exemplo (16a), retirado de Huelva Unternbäumen (2018, p. 1118), e o exemplo (16b), que acrescentamos para análise:

- (16) a. \*Go back to the first screen **running, crouching, unexpectedly** and open a second app. (Ciberespaço)  
    ‘\*Volta correndo, agachado, de supetão à tela de início e abre um segundo app’.
- b. Volta **correndo, agachado, de supetão** à casa da sua mãe.  
(Espaço físico)

O autor constata, em relação ao dado em (16a), que há um bloqueio em expressões que relatam a experiência do agente no desenrolar do movimento no ciberespaço, o que fica evidente na comparação com o evento experienciado no espaço físico e exemplificado em (16b). Isso se dá, em parte, devido à ausência da percepção de duração do movimento no ciberespaço, que possui uma relação lógica no que tange à dimensão espaço-movimento: no espaço físico, percebe-se o automovimento, uma vez que, ao produzir o movimento, uma série de pontos é percorrida entre o início e o fim do descolamento, o que constitui a trajetória. Portanto, sente-se a mudança de perspectiva à medida que se avança no espaço físico. No ciberespaço, ao realizar a mudança de páginas, perdemos totalmente essa percepção de caminho.

Em relação à temporalidade, a percepção se dá à medida que existe o avanço e o retrocesso entre as diversas páginas visitadas. Assim, ao mover-se para uma nova página, ou seja, para um espaço ainda não visitado, transforma-se a página atual em uma página pela qual já se *passou*. Um ponto importante é que a temporalidade é construída no próprio ciberespaço, uma vez que se age nele, ou seja, as coisas não passam pelo caminho do agente, o agente é que passa pelo caminho das coisas.

Nesse ponto reside uma diferença essencial no que tange à ação de clicar e mudar a página. O ato de clicar possui temporalidade com início e fim, mas uma duração específica entre eles, a qual não percebemos. Não há a experiência da mudança de páginas como um processo composto de uma série de pontos espaço-

temporais, como observado na comparação entre o exemplo (17), retirado de Huelva Unternbäumen (2018, p. 1120), e os exemplos em (18), em que demonstramos que, em (18a), ocorre uma mudança imediata, enquanto em (18b), o garoto passa pela experiência de percorrer uma trajetória entre o espaço A e o espaço B (*o corredor*):

- (17) Like when we walk **down a hall** to go from the bedroom to the living room.  
'Como quando caminhamos **por um corredor** para ir do quarto para a sala de estar'.
- (18) a. \*O garoto avançou **pela barra de rolagem** para ir da página inicial para a página de pagamento. (Ciberespaço)  
b. O garoto caminhou **pelo corredor** para ir do quarto para a sala de estar. (Espaço físico)

O autor explica que, ao experimentar o movimento convencional, um conjunto de forças, tanto do corpo quanto de realizações cinestésicas, é capaz de iniciar o movimento e mantê-lo na direção estabelecida, até que o objetivo seja atingido. Sobre essa experiência, o autor aponta que estão entre as qualidades primárias do movimento corporal: a qualidade tensional, que diz respeito à intensidade dos movimentos, ao esforço utilizado e à força aplicada para realizá-los; a qualidade linear dos movimentos, que integra a orientação do corpo em movimento, além da linearidade do deslocamento; e a qualidade da área, que estabelece o grau de expansão ou contração do corpo em movimento, além de como ele será executado.

Sobre o movimento realizado no ciberespaço, Huelva Unternbäumen (2018) propõe que a maioria dessas características qualitativas do corpo se perde, ocorrendo uma redução da corporalidade. Nesse caso, resta o esforço corporal, como o clique do mouse seguido da sua projeção na tela, e a direção, que se configura na mudança do atual contexto pragmático para outro.

A referida exclusão da qualidade do evento de movimento, conhecida pela tradição linguística como modo de movimento, reflete-se na conceituação gramatical: “os verbos que indicam movimento no ciberespaço não admitem satélites que possam codificar a maneira como ele se manifesta”, como em (19), que

apresenta construções em espanhol e em inglês, retiradas de Huelva Unternbäumen (2018, p. 1118).

- (19) a. En este tutorial te brindaremos dos métodos sencillos para poder entrar a la página web de Facebook bloqueada.

In this tutorial we will show you two simple ways to enter a blocked Facebook web page.

‘Neste tutorial, mostraremos duas maneiras simples de inserir uma página da Web do Facebook bloqueada.’

- b. \*En este tutorial te brindaremos dos métodos sencillos para poder entrar **deslizando, saltando, tropezando** a la página web de Facebook bloqueada.

\*In this tutorial we will show you two simple ways to enter a blocked Facebook web page, **scrolling, jumping, scrolling** down.

‘\*Neste tutorial, mostraremos duas maneiras simples de inserir uma página da Web do Facebook bloqueada, **rolando, pulando, rolando** para baixo.’

Concluimos, portanto, com Huelva Unternbäumen (2018), que a gramática codifica a percepção que temos da realidade, e não ela em si, ou seja, a codificação gramatical é a categorização de aspectos da nossa percepção à semântica de construções gramaticais.

Huelva Unternbäumen (2018) afirma que a necessidade de codificar o automovimento no ciberespaço fez com que as línguas analisadas readaptassem o conjunto de propriedades abstratas disponíveis para a expressão de eventos de movimento no espaço físico, por meio de processos de integração conceitual. Enquanto o automovimento no espaço físico é tradicionalmente caracterizado pelo deslocamento de um agente de um ponto ao seu destino, produzindo uma trajetória, que denota o aspecto durativo do evento, o automovimento no ciberespaço representa uma mudança de contexto pragmático, um evento não durativo, em que falta uma interpretação da trajetória.

Huelva Unternbäumen e Naves (2017), em trabalho anterior à publicação do artigo de Huelva Unternbäumen (2018), analisam os fatos gramaticais acima



descritos para os verbos de movimento no ciberespaço como relacionados à propriedade de modo de movimento, usualmente vinculada à noção de trajetória. Para estabelecer a relação entre conceitualização e gramática, os autores propõem que as propriedades de natureza aspectual dos predicados são responsáveis pelo mapeamento de estruturas conceituais em estruturas gramaticais.<sup>3</sup> Ao considerarem que os mesmos verbos são empregados no espaço físico e no ciberespaço, apontam que a semântica dessas construções é determinada composicionalmente pelos elementos que coocorrem na estrutura da frase (sujeito, complementos e adjuntos). Além disso, assumem que existem estruturas sintáticas básicas que codificam os significados relevantes e que a noção aspectual de trajetória é cognitivamente relevante para a sintaxe.

Huelva Unternbäumen e Naves (2017) utilizam a proposta teórica de Ramchand (2008), segundo a qual existem três projeções para subeventos e, conseqüentemente, três posições de argumentos: o iniciador, o processo em si e o resultado. No caso dos verbos de movimento no espaço físico, consideram que a trajetória se define no intervalo entre os dois pontos (origem e alvo) que limitam o movimento, sendo o ponto final projetado na posição do evento interpretado como resultado (cf. (20a)), o que possibilita a modificação por sintagmas de modo (cf. (20b)):

(20) a. Carlos **saiu** do mercado para a livraria.

Iniciador Processo (Trajetória) Resultado

b. Carlos **saiu correndo** do mercado para a livraria.

Já em contexto de ciberespaço, que implica a ideia de automovimento, os autores propõem que uma operação lógica conecta o iniciador ao resultado, visto que o processo (o movimento) ocorre de forma instantânea, não havendo uma trajetória (no sentido canônico) percorrida (cf. (21a)), o que torna agramatical a modificação por um sintagma de modo (cf. (21b)):

(21) a. Carlos **saiu** da página do mercado para a página da livraria.

Iniciador Processo Resultado

---

<sup>3</sup> Para Castilho (1968, p. 14) “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento”.

b. \*Carlos **saiu correndo** da página do mercado para a página da livraria.

A investigação desenvolvida por Huelva Unternbäumen e Naves (2017) destaca, portanto, a importância da propriedade de duratividade do evento para a interface entre gramática e conceitualização nos casos dos verbos de movimento em contexto de ciberespaço, que se comportam diferentemente de quando empregados em contexto de espaço físico. Neste trabalho, partimos dessa constatação para analisar dois dos verbos de modo de movimento mais prototípicos (*rolar* e *pular*), quando utilizados em contextos de ciberespaço.

#### 4. ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DOS VERBOS *ROLAR* E *PULAR*

Esta análise apresenta os dados do verbo *rolar* e *pular* em contexto de ciberespaço em comparação com dados dos mesmos verbos em sentenças com referência ao espaço físico. O objetivo é identificar em que medida a proposta desenvolvida por Huelva Unternbäumen e Naves (2017) para os verbos de movimento se aplica aos dados de verbos de modo de movimento.

##### 4.1 Verbo *rolar*

Considerem-se os exemplos (22) e (23), respectivamente para o contexto de espaço físico e para o contexto do ciberespaço:

- (22) a. Você deve **rolar** a bola de futebol. (Espaço físico)  
b. Júlia **rolou** a esfera para a direita.  
c. A bola **rolou** ladeira abaixo.  
d. A menina **rolou** a bola por 15 minutos.  
e. O jogador **rolou** a bola pelo campo.
- (23) a. Você deve **rolar** a barra de texto. (Ciberespaço)  
b. Júlia **rolou** a barra de rolagem para a direita.  
c. \*A barra de rolagem **rolou** página abaixo.  
d. \*A menina **rolou** a barra de rolagem por 15 minutos.  
e. \*O jogador **rolou** a barra de rolagem pela página.

Os exemplos (22a) e (23a) demonstram que o mesmo tipo de construção é empregado para o verbo *rolar* no espaço físico e no ciberespaço.

Ao contrastar os exemplos (22b) e (23b), é possível aplicar a proposta desenvolvida por Huelva Unternbäumen e Naves (2017), com base em Ramchand (2008). Para o espaço físico, exemplificado em (22b), ocorre o preenchimento das três posições, dentre elas: Júlia (a iniciadora), o movimento de rolar a esfera (o processo) e, por fim, a chegada ao destino final, para a direita (o resultado).

O contraste de gramaticalidade entre os dados (22c) e (23c) permite reiterar a análise de Huelva Unternbäumen (2018) de que os casos de movimento no

ciberespaço são casos de automovimento, controlados por um agente, de tal maneira que, no ciberespaço, não existe a possibilidade de um objeto *rolar* de forma autônoma para uma direção específica, como exemplificado em (23c). Por fim, o contraste entre (22d-e) e (23d-e) diz respeito à percepção da trajetória: em (21d-e), depreende-se, respectivamente, o tempo (*por 15 minutos*) e o espaço (*pelo campo*) do deslocamento, que definem a duratividade do movimento; já em (23d-e), a determinação do tempo e do espaço torna as sentenças agramaticais.

Apesar disso, foram encontrados exemplos de uso do verbo *rolar* em contextos de ciberespaço, em que a expressão de tempo e de espaço está presente:

(24) A barra de rolagem **rola** continuamente mesmo depois de você soltar o botão esquerdo do mouse.<sup>4</sup>

(25) Digamos que você queira criar um site sobre informática, porque gosta disso. Aí você escolheu antes o clube Mundo Digital. Depois **rolou** pela página até encontrar o quadro da Figura 3.74.<sup>5</sup>

Consideramos que, nesses dados, o movimento é percebido de maneira tridimensional, tomando-se a tela como o espaço em que ocorre o movimento, provocado por uma força externa ao objeto (executada por um agente), o que permite conceber a trajetória como sendo semelhante à do deslocamento no espaço físico. Dessa forma, a direção do movimento pode ser expressa por meio de sintagmas específicos, como exemplificado nos seguintes dados:

(26) a. **Role** a barra de rolagem **na área de trilhas**.<sup>6</sup>  
b. Para **rolar** a barra de rolagem **horizontalmente**, arraste a barra de rolagem na barra de menus da área de trilhas.

(27) Por exemplo, esse problema pode ocorrer se você **rolar** para baixo, usando a roda do mouse ou a barra de rolagem da planilha.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Em: <https://support.microsoft.com/pt-br/help/102552/the-scroll-bar-continues-to-scroll-after-you-release-the-mouse-button>.

<sup>5</sup> Em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/22128516/como-publicar-seu-site-na-internet-marcio-s-morais/18>.

<sup>6</sup> Em: [https://support.apple.com/kb/PH25041?viewlocale=pt\\_BR&locale=pt\\_BR](https://support.apple.com/kb/PH25041?viewlocale=pt_BR&locale=pt_BR).

## 4.2 Verbo *pular*

Considerem-se os exemplos (28) e (29), respectivamente para o contexto de espaço físico e para o contexto do ciberespaço:

- (28) a. Apesar de o cavalo **pular** a cerca para fora da porteira, o problema persiste. (Espaço físico)  
b. A bola **pulou** para debaixo da cama.  
c. A menina **pulou** o cavalo por cima do obstáculo.  
d. João **pulou** a cerca por 10 minutos.  
e. Maria **pulou** correndo a escada.
- (29) a. Apesar de o internauta **pular** a tela de pré-visualização para a página seguinte, o problema persiste. (Ciberespaço)  
b. \*O cursor **pulou** para debaixo da tela de pré-visualização.  
c. \*A menina **pulou** com a seta por cima da tela de pré-visualização.  
d. \*João **pulou** a tela de pré-visualização por 10 minutos.  
e. \*Maria **pulou** correndo a tela de pré-visualização.

Nos exemplos (28a) e (29a), o verbo *pular* seleciona dois argumentos, de maneira que se pode concluir que a mesma construção é empregada tanto no espaço físico como no ciberespaço, podendo, inclusive, contemplar um sintagma específico que denote a direção do movimento (*para fora da porteira* e *para a página seguinte*, respectivamente). A partir dos exemplos em (28b) e (29b), entretanto, os julgamentos de gramaticalidade se distinguem, demonstrando as especificidades da percepção dos eventos ocorridos no ciberespaço.

Em (28b) e (29b), observamos que, embora *a bola* seja um objeto inanimado, pode sofrer o movimento imprimido por uma força externa de forma independente, enquanto *o cursor* só realiza o movimento quando uma força externa permanece movimentando-o. Além disso, a dimensão espacial da tela como um espaço não tridimensional limita a percepção do movimento, de maneira que, para que a direção do movimento possa ser indicada, deve haver dois pontos distintos, como em O

---

<sup>7</sup> Em: <https://support.microsoft.com/pt-br/help/2910070/excel-2013-crashes-when-you-scroll-down-by-using-the-mouse-wheel-or-th>.

*estudante pulou de uma página web para outra*. O mesmo acontece no caso de (28c) e (29c), em que o acréscimo do sintagma direcional só é permitido no contexto de espaço físico, sendo a direção limitada no contexto do ciberespaço.

Em (28d) e (29d), fica claro que a duratividade do evento de *pular* não pode ser prolongada (por um efeito de iteratividade, ou seja, da repetição de vários eventos de *pular*) no tempo, de onde resulta a agramaticalidade do acréscimo da expressão temporal *por 10 minutos*. Já no espaço físico é possível perceber que o sujeito pula sobre um objeto, constantemente, por um determinado tempo. Já em (28e) e (29e), verificamos que não existe a possibilidade de modificar o evento de *pular* por meio de uma outra expressão de modo de movimento, como *correndo*, no ciberespaço, a menos que seja por meio de um jogo de realidade virtual, por exemplo, em que se cria uma dimensão tridimensional na tela, comparável à que se tem no espaço físico, como em (30):

- (30) Mario é conhecido pela sua habilidade única de **pular** e esmagar seus inimigos e sendo capaz de **pular** de grandes alturas e distâncias frequentemente quando está percorrendo seu trajeto nos jogos.<sup>8</sup>

De acordo com os dados apresentados, o verbo de modo de movimento *pular*, em contexto de ciberespaço, denota o movimento provocado por uma força externa ao objeto e possui limitações quanto à expressão da direção do movimento. Ademais, observamos que o evento é percebido como não durativo, modificando-se, portanto, a percepção da trajetória. A percepção tridimensional ou durativa do movimento só é possível quando o verbo seleciona um locativo que expressa o ponto final do movimento e que se distingue do espaço inicial (duas telas distintas) ou quando se constrói o espaço virtual de forma semelhante à do espaço físico, como exemplificado a seguir:

- (31) a. Word decide **pular** texto para próxima página no meio da página.<sup>9</sup>  
b. Nos jogos atuais os fãs devem se contentar com o estilo "clássico" de Mario (**pular** sobre seus inimigos e se jogar com força).<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mario\\_\(personagem\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mario_(personagem)).

<sup>9</sup> Em: <https://answers.microsoft.com/pt-br/msoffice/forum/all/word-decide-pular-texto-para-pr%C3%B3xima/ce44d59b-99a4-45bf-a945-b7b6224f2661>.

- c. Usando o mapa do site, os visitantes podem **pular** diretamente para qualquer página listada.<sup>11</sup>
- d. O aplicativo de Planilhas do Google não tem o recurso de **pular** uma página, mas através do comando “Ctrl + Enter” o usuário consegue fazer uma quebra de linha dentro de uma célula.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mario\\_\(personagem\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mario_(personagem)).

<sup>11</sup> Em: <https://books.google.com.br/books?id=MkD7AwAAQBAJ&pg=PA86&lpg=PA86&dq=pular+para+a+p%C3%A1gina&source=bl&ots=HbGGmn23gW&sig=ACfU3U35VAuxhhAPlc8yospqmLqGGdyc2w&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjgq-257p3hAhUPIrkGH7-A9Q4FBD0ATABegQICRAB>.

<sup>12</sup> Em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2017/01/como-usar-quebra-de-pagina-no-word-excel-e-google-docs.html>.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiando-nos nos modelos teóricos da GG e da GC, no que tange à relação entre a codificação gramatical das sentenças e à estrutura conceitual dos itens lexicais, a pesquisa examinou a importância da relação entre as duas abordagens para o entendimento relacionado aos fenômenos ligados a conceitos de natureza locacional, quanto à interpretação das realizações de automovimento, tanto no espaço físico quanto no ciberespaço.

Ao descrever a categoria movimento, verificamos que o evento básico pode ser retratado como o deslocamento de um objeto em relação a outro, que se constitui como um ponto de referência. Nesse sentido, os verbos de movimento são classificados em: verbos de denotam direção inerente e os que incluem uma determinação do modo como o movimento acontece. A questão investigada abordou como os verbos de movimento e, em particular, os de modo de movimento, se comportam cognitivamente e gramaticalmente no ciberespaço.

Nesse contexto, por meio do estudo realizado, foi possível depreender que, ao empregar a gramática típica de movimento quando nos referimos ao ciberespaço, tentamos adaptar a realidade física à virtual. Com base na perspectiva cognitivista, adotamos a análise de Huelva Unternbäumen (2018), segundo a qual essa percepção se dá devido a percebemos as ações praticadas no ciberespaço com as mesmas lentes da realidade. Ao realizar uma compra em uma loja virtual, por exemplo, colocamos uma mercadoria, de fato, em um carrinho virtual, além de nos movermos de uma página da web para outra.

Entretanto, contrastes na realização gramatical das sentenças apontam para o fato de que a percepção do movimento no espaço físico é distinta da percepção em contextos de ciberespaço: os verbos de movimento são caracterizados como tendo uma estrutura conceitual que descreve o deslocamento de um objeto ao longo de uma trajetória; no ciberespaço, o movimento é interpretado como instantâneo, ou seja, não durativo, embora retenha a noção de mudança de localização. Para representar essa diferença, seguimos Huelva Unternbäumen e Naves (2017), que adaptam a proposta de Ramchand (2008) a respeito das projeções sintáticas para eventos, de modo que, nos contextos de ciberespaço, uma operação lógica se encarregaria de conectar o iniciador e o resultado, eliminando-se as propriedades que caracterizam a trajetória.



Em análise realizada com verbos de modo de movimento específicos, tais como *pular* e *rolar*, foram identificadas limitações em relação à direção em que o movimento se realiza e à duratividade do movimento, que podem configurar na agramaticalidade da sentença. Uma hipótese a ser desenvolvida em trabalhos futuros é a de que, quando o espaço virtual é interpretado com o mesmo sentido de trajetória percebido no espaço físico, ou seja, numa percepção tridimensional da tela, a percepção durativa do movimento se torna possível.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, Ataliba T. de. *Introdução aos estudos do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3311/3038>. Acesso em: 20 maio 2019.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2000.

GIBSON, Willian. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, [1984] 2006.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: CUP, 2004.

HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique; NAVES, Rozana R. *The encoding of self-movement in cyberspace: bridges between the phenomenological-cognitivist and the minimalist approaches to grammar*. Presentation at 47th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), Newark: University of Delaware, 2017.

HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique. The grammatical codification of self-movement in cyberspace: a phenomenological-cognitivist study. *DELTA*, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 1105-1133, dez. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502018000401105&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502018000401105&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 dez. 2018.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge, United States of America: The MIT Press, 1990.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2019.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar. A basic introduction*. Oxford: OUP, 2008.

LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations. A preliminar investigation*. Chicago and London: The University Chicago Press, 1993.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

OTHERO, Gabriel de A.; KENEDY, Eduardo. *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

RAMCHAND, Gillian C. *Verb meaning and the lexicon: a first phase syntax*. New York: Cambridge University Press, 2008.

TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description: grammatical categories and the lexicon*. New York: Cambridge University Press, 1985. v.3, p.57-149. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/96f8/e185a95537aa3fc99c74ffb7755f5fad5884.pdf>.  
Acesso em: 06 de jan. 2020.